

Gabriel García Márquez
O Amor nos Tempos de Cólera

Romance

Tradução de
Margarida Santiago

Era inevitável: o cheiro das amêndoas amargas recordava-lhe sempre o destino dos amores contrariados. O doutor Juvenal Urbino sentiu-o assim que entrou na casa, ainda mergulhada em penumbra, onde fora de urgência para tratar um caso que, para ele, já deixara de ser urgente há muitos anos. O refugiado antilhano Jeremiah de Saint-Amour, inválido de guerra, fotógrafo de crianças e o seu mais tolerante adversário de xadrez, pusera-se a salvo das inquietações da memória com um defumador de cianeto de ouro.

Encontrou o cadáver, tapado com uma manta, no catre de campanha onde sempre dormira, ao lado de um tambolete onde se encontrava a pequena tina que lhe tinha servido para vaporizar o veneno. No chão, preso aos pés do catre, o corpo estendido de um *grand-danois* negro de peito alvo e, junto dele, as muletas. O quarto, sufocante e caótico que servia ao mesmo tempo de quarto de dormir e de laboratório, mal começara a iluminar-se com o resplendor do amanhecer na janela aberta, mas bastava essa luz para reconhecer de imediato a autoridade da morte. As outras janelas, bem como qualquer fresta da divisão, estavam amordaçadas com trapos ou seladas com cartões negros, fazendo aumentar a sua densidade opressiva. Havia um escaparate atulhado de frascos e boiões sem rótulos e duas tinas de peltre meio escacarado sob uma lâmpada vulgar coberta de papel vermelho. A terceira tina, a do líquido fixador, era

a que estava ao lado do cadáver. Havia revistas e jornais velhos por toda a parte, pilhas de negativos em placas de vidro, móveis partidos, mas encontrava-se tudo preservado do pó por mãos diligentes. Ainda que o ar da janela tivesse purificado o recinto, ficava, porém, para quem o soubesse identificar, o cheiro morno a amores infelizes das amêndoas amargas. O doutor Juvenal Urbino tinha pensado mais de uma vez, sem intenção premonitória, que aquele não era um lugar propício para morrer na graça de Deus. Mas, com o tempo, acabou por admitir que a sua desordem obedecia talvez a uma determinação cifrada da Divina Providência.

Tinham-se-lhe adiantado um comissário da polícia e um estudante de Medicina muito jovem que fazia a sua prática forense no dispensário municipal, e foram eles que arejaram a sala e taparam o cadáver enquanto o doutor Urbino não chegava. Ambos o cumprimentaram com uma solenidade que, desta feita, tinha mais de condoléncia do que de veneração, pois ninguém ignorava o grau da sua amizade com Jeremiah de Saint-Amour. O eminent professor apertou a mão aos dois, como desde sempre o fazia a cada um dos seus alunos antes de iniciar a aula diária de Clínica General, e logo segurou na orla da manta com a ponta do indicador e do polegar, como se fosse uma flor, destapando o cadáver, palmo a palmo, com uma parcimónia sacramental. Estava completamente nu, hirto e retorcido, com os olhos abertos, o corpo azul, e como se tivesse mais cinquenta anos do que na noite anterior. Tinha as pupilas diáfanas, a barba e o cabelo amarelecidos e o ventre atravessado por uma cicatriz antiga, cosida como nós de embrulho. O tronco e os braços tinham a envergadura dos de um remador, devido ao esforço com as muletas, mas as pernas inermes pareciam as de um desvalido. O doutor Juvenal Urbino contemplou-o durante um instante com o coração apertado, como raras vezes naqueles seus longos anos de luta estéril contra a morte.

– Idiota – disse-lhe. – O pior já tinha passado.

Voltou a tapá-lo com a manta e recuperou a sua compostura académica. No ano anterior tinha celebrado os seus oitenta anos com um jubileu oficial de três dias, e, no discurso de agradecimento, resistiu mais uma vez à tentação de se reformar. Dissera: «Terei tempo de sobra para descansar quando morrer, mas essa eventualidade não se encontra ainda nos meus projetos.» Ainda que ouvisse cada vez menos do ouvido direito e se apoiasse numa bengala com castão de prata para disfarçar a incerteza dos seus passos, continuava a usar com o garbo da mocidade o fato completo de linho com o colete atravessado pela corrente de ouro. A barba à Pasteur, nacarada, e o cabelo da mesma cor, muito bem penteado e de impecável risco ao meio, eram expressões fiéis do seu carácter. A erosão da memória, cada vez mais inquietante, compensava-a até onde lhe era possível com apontamentos rápidos em papelinhos soltos que acabavam por misturar-se em todos os bolsos, da mesma maneira que os instrumentos, os frascos de medicamentos, e tantas outras coisas desarrumadas, na maleta atulhada. Não só era o médico mais antigo e esclarecido da cidade, como também o mais sensato dos homens. No entanto, a sua sapiência demasiado ostensiva e o modo nada ingénuo como manobrava o poder do seu nome tinham-lhe valido menos afetos do que os merecidos.

As instruções ao comissário e ao estudante foram rápidas e concisas. Não era preciso fazer autópsia. O cheiro da casa bastava para determinar que a causa da morte tinham sido as emanações do cianeto ativado na tina por meio de qualquer ácido dos utilizados em fotografia, e Jeremiah de Saint-Amour sabia o suficiente do assunto para poder fazê-lo por acidente. Perante as reticências do comissário, deteve-o com uma estocada típica da sua maneira de ser: «Não se esqueça que sou eu que assina a certidão de óbito.» O jovem médico ficou desiludido: nunca tivera a sorte de estudar os efeitos do cianeto de ouro num cadáver. O doutor Juvenal Urbino tinha-se surpreendido por não o ter visto na Escola de Medicina, mas comprehendeu-o logo pelo

seu rubor fácil e pelo sotaque andino: era talvez um recém-chegado à cidade. Disse: «Não lhe faltará por aqui algum louco de amor que lhe ofereça essa oportunidade um dia destes.» E só quando o disse se deu conta de que entre os incontáveis suicídios que recordava, aquele era o primeiro com cianeto que não fora causado por um infortúnio de amor. Algo se alterou então nos hábitos da sua voz.

– Quando o encontrar, repare bem – disse ao estagiário –, costumam ter areia no coração.

Depois falou com o comissário como se o fizesse com um subalterno. Ordenou-lhe que procedesse a todas as diligências para que o enterro se realizasse nessa mesma tarde e dentro do maior sigilo. Disse: «Falarei depois com o alcaide.» Sabia que Jeremiah de Saint-Amour era de uma austerdade primitiva e que ganhava com a sua arte muito mais do que precisava para viver, de modo que em alguma das gavetas da casa devia haver dinheiro de sobra para as despesas do enterro.

– Mas se não o encontrarem, não faz mal – disse. – Eu encarrego-me de tudo.

Mandou dizer aos jornais que o fotógrafo tinha morrido de morte natural, ainda que pensasse que a notícia não lhes interessava de modo algum. Disse: «Se for necessário, falarrei com o governador.» O comissário, um empregado sério e humilde, sabia que o rigor cívico do professor exasperava até os seus amigos mais íntimos, estava surpreendido com a facilidade com que saltava por cima dos trâmites legais para apressar o enterro. A única coisa a que não acedeu foi a falar com o arcebispo para que Jeremiah de Saint-Amour fosse sepultado em terra sagrada. O comissário, mortificado com a sua própria impertinência, tentou desculpar-se:

– Estava convencido de que este homem era um santo – disse.

– Era algo ainda mais raro – respondeu-lhe o doutor Urbino. – Um santo ateou. Mas isso são assuntos de Deus.

Remotamente, do outro lado da cidade colonial, fizaram-se ouvir os sinos da catedral chamando para a missa.

O doutor Urbino pôs os óculos de meia-lua com aros de ouro, consultou o relogiozinho de corrente, que era quadrado e fino, e cuja tampa se abria por uma mola: estava quase a perder a missa de Pentecostes.

Na sala havia uma enorme máquina fotográfica, como as dos jardins públicos, e o quadro de um crepúsculo marítimo pintado com tintas artesanais. As paredes estavam ata-petadas por retratos de crianças nas suas datas memoráveis: a primeira comunhão, a fantasia de coelho, a festa de aniversário. O doutor Urbino tinha visto a paulatina cobertura das paredes, ano após ano, durante o concentrado matutar das tardes de xadrez, e muitas vezes pensara com um estremecimento de desolação que nessa galeria de retratos casuais se encontrava o germe da cidade futura, governada e pervertida por aquelas crianças duvidosas, e na qual já não restariam nem as cinzas da sua glória.

Na secretaria, junto a um recipiente com vários cachimbos de lobo-do-mar, estava o tabuleiro de xadrez com uma partida por concluir. Apesar da sua pressa e do ânimo sombrio, o doutor Urbino não resistiu à tentação de estudá-la. Sabia que era a partida da noite anterior, pois Jeremiah de Saint-Amour jogava todas as tardes da semana e, pelo menos, com três adversários diferentes, mas chegava sempre ao fim e depois guardava o tabuleiro e as peças na sua caixa, e guardava a caixa numa das gavetas da secretaria. Sabia que jogava com as brancas, mas era evidente que daquela vez ia ser derrotado sem apelo nem agravo em quatro jogadas. «Se tivesse sido um crime, aqui estaria uma boa pista», disse para consigo. «Só conheço um homem capaz de preparar esta armadilha de mestre.» Não teria podido viver sem averiguar mais tarde por que aquele soldado indómito, acostumado a bater-se até à última gota de sangue, deixara por acabar o combate final da sua vida.

Às seis da manhã, quando fazia a sua última ronda, o guarda-noturno reparara no letreiro cravado na porta da rua: «Entre sem tocar e avise a Polícia.» Pouco depois chegou o comissário com o estagiário, e ambos fizeram uma

busca à casa, à procura de algum indício que indicasse o odor inconfundível das amêndoas amargas. Mas nos breves minutos que demorou a análise da partida interrompida, o comissário descobriu, entre os papéis da secretaria, um sobreescrito dirigido ao doutor Juvenal Urbino, protegido com tantos selos de lacre, que foi preciso fazê-lo em pedaços para tirar a carta. O médico afastou a cortina preta da janela para ter mais luz, deu primeiro uma vista de olhos rápida às onze folhas escritas dos dois lados com uma caligrafia esmerada e mal leu o primeiro parágrafo compreendeu que tinha perdido a comunhão de Pentecostes. Leu com a respiração agitada, voltando atrás em várias páginas para retomar o fio à meada, e quando acabou parecia regressar de muito longe e de há muito tempo. O seu abatimento era visível apesar do esforço para o impedir: nos lábios tinha a mesma coloração azul do cadáver, e não pôde controlar a tremura dos dedos quando voltou a dobrar a carta e a guardá-la no bolso do colete. Então lembrou-se do comissário e do jovem médico, e dirigiu-lhes um sorriso que lhe assomava da bruma da sua consternação.

— Nada de especial — disse. — São as suas últimas instruções.

Era uma meia verdade, mas eles julgaram-na completa porque os mandou levantar um ladrilho solto do chão e aí encontraram um caderno de contas muito usado onde se encontravam as chaves para abrir a caixa-forte. Não havia tanto dinheiro quanto pensavam, mas era mais do que o necessário para cobrir as despesas do enterro e outros compromissos menores. O doutor Urbino estava então consciente de que não conseguiria chegar à catedral antes do Evangelho.

— É a terceira vez que perco a missa de domingo desde que tenho o uso da razão — comentou. — Mas Deus comprehende.

E, assim, preferiu demorar-se mais uns minutos para deixar esclarecidos todos os pormenores, ainda que mal pudesse suportar a ansiedade de partilhar com a sua mu-

lher as confidências da carta. Comprometeu-se a avisar os numerosos refugiados das Caraíbas que viviam na cidade, para o caso de quererem prestar as últimas homenagens a quem se tinha comportado como o mais respeitável de todos eles, o mais ativo e radical, mesmo depois de se ter tornado por de mais evidente que tinha sucumbido aos espinhos do desencanto. Também avisaria os seus comparsas de xadrez, entre os quais se contavam desde insignes profissionais a operários anónimos e outros amigos menos assíduos, mas que talvez quisessem assistir ao enterro. Antes de conhecer a carta póstuma, tinha resolvido ser o primeiro, mas depois de a ler já não tinha a certeza de nada. De qualquer maneira mandaria uma coroa de gardénias, para o facto de Jeremiah de Saint-Amour se ter arrependido no último minuto. O funeral seria às cinco, que era a hora adequada nos meses de mais calor. Se precisassem dele, estaria, a partir do meio-dia, na casa de campo do doutor Lácides Olivella, o seu discípulo amado, que celebrava, nesse dia, com um almoço de gala, as suas bodas de prata profissionais.

O doutor Juvenal Urbino tinha uma rotina fácil de seguir, desde que ficaram para trás os anos atribulados dos primeiros embates e que conseguiu uma respeitabilidade e um prestígio que, na província, não tinham igual. Levantava-se com o cantar do galo, e a essa hora começava a tomar os seus medicamentos secretos: brometo de potássio para lhe levantar o moral, salicilatos para as dores nos ossos em tempo de chuva, gotas de bagas de centeio para as tonturas, beladona para dormir bem. Estava sempre a tomar qualquer coisa, às escondidas, porque na sua longa vida de médico sempre foi contra receitar paliativos para a velhice: era-lhe mais fácil suportar as dores alheias do que as suas próprias. No bolso trazia sempre uma almofadinha de cânfora, que aspirava profundamente quando ninguém o estava a ver, para se livrar do medo de tantos remédios misturados.

Estudava durante uma hora, preparando a aula de Clínica Geral, que dava na Escola de Medicina todos os dias, de

segunda-feira a sábado, às oito em ponto, até à véspera da sua morte. Era também um leitor atento das novidades literárias, que o seu livreiro de Paris lhe enviava por correio, ou das que o livreiro local lhe mandava vir de Barcelona, ainda que não se mantivesse tanto ao corrente da literatura de língua castelhana como da francesa. Em qualquer dos casos, nunca as lia de manhã, mas sim depois da sesta, durante uma hora e, à noite, antes de adormecer. Terminado o estudo, fazia quinze minutos de exercícios respiratórios na casa de banho, em frente da janela aberta, respirando sempre para o lado de onde cantavam os galos, que era de onde vinha o ar fresco. A seguir, tomava banho, arranjava a barba e engomava o bigode com um soluto saturado de água-de-colónia, da legítima, de Farina Gegenüber, e vestia-se de linho branco, com colete e chapéu mole e com polainas de pelica. Aos oitenta e um anos conservava os modos afáveis e o espírito prazenteiro de quando regressou de Paris, pouco depois da grande epidemia de cólera-morbo, e o cabelo bem penteado com o risco ao meio continuava a ser igual ao da juventude, exceto pela cor metálica. Tomava o pequeno-almoço em família, mas com uma dieta pessoal: uma infusão de flores de absíntio, para o bem-estar do estômago, e uma cabeça de alho, cujos dentes descascaava e comia, um a um, mastigando-os conscientemente com pão caseiro, para evitar os apertos de coração. Raras eram as vezes em que, depois da aula, não tinha um compromisso relacionado com as suas iniciativas cívicas ou com as suas militâncias católicas, ou com as suas promoções artísticas e sociais.

Almoçava quase sempre em casa, dormia uma sesta de dez minutos, sentado na varanda do quintal, ouvindo, em sonhos, as cantigas das criadas sob a folhagem das mangueiras, escutando os pregões da rua, o fragor dos motores e o fedor dos óleos da baía, cujas emanações adejavam em volta da casa como um anjo condenado ao apodrecimento. Depois lia durante uma hora os livros recentes, especialmente novelas e ensaios históricos, e dava lições de francês

e de canto ao papagaio doméstico que desde há muito era uma atração local. Às quatro ia visitar os seus doentes, depois de beber um grande jarro de limonada com gelo. Apesar da idade, resistia a receber os pacientes no consultório e continuava a atendê-los nas suas casas, como sempre fizera, desde que a cidade se tornara tão familiar que se podia ir a pé a qualquer lado.

Quando chegou da Europa, pela primeira vez, andava no landó familiar com dois alazões dourados, mas inutilizando-se este, trocou-o por uma vitória de um só cavalo, e continuou sempre a usá-la com um certo desdém pela moda, quando já os coches começavam a desaparecer do mundo e os únicos que restavam na cidade só serviam para passear os turistas e transportar as coroas nos funerais. Ainda que se negasse a reformar-se, estava consciente de que só o chamavam para tratar de casos perdidos, mas ele considerava que também essa era uma forma de especialização. Era capaz de saber o que tinha um doente só pelo aspetto, e cada vez desconfiava mais dos medicamentos comerciais, assistindo alarmado à vulgarização da cirurgia. Dizia: «O bisturi é a maior prova do fracasso da Medicina.» Pensava que, de um ponto de vista rigoroso, todo o medicamento era veneno e que setenta por cento dos alimentos vulgares apressavam a morte. «De qualquer modo», costumava comentar nas aulas, «a pouca medicina que se conhece só é do conhecimento de alguns médicos.» Dos seus entusiasmos juvenis tinha passado para uma posição que ele próprio definia como humanismo fatalista: «Cada um é dono da sua própria morte, e a única coisa que podemos fazer, chegada a hora, é ajudar a morrer sem medo e sem dor.» Mas, apesar destas ideias extremistas que já faziam parte do folclore clínico local, os seus antigos alunos continuavam a consultá-lo, mesmo depois de já serem profissionais estabelecidos, pois reconheciam-lhe as qualidades a que então se chamava «olho clínico». De qualquer modo, foi sempre um médico caro e elitista: a sua clientela esteve sempre concentrada nas casas solarengas do Bairro dos Vice-Reis.

O seu quotidiano era tão metódico que a mulher sabia sempre onde lhe enviar um recado, se surgisse alguma urgência durante a tarde. Quando jovem, demorava-se no Café da Paróquia antes de voltar para casa e assim aperfeiçou o seu xadrez com os cúmplices do sogro e com alguns refugiados das Caraíbas. Mas desde os alvores do novo século que não voltara ao Café da Paróquia e começara a organizar torneios nacionais patrocinados pelo Clube Social. Foi essa a altura em que apareceu Jeremiah de Saint-Amour, já com os joelhos mortos mas ainda sem o ofício de fotógrafo de crianças. Em menos de três meses já era conhecido de todos quantos soubessem mover um bispo num tabuleiro, porque ninguém conseguira ganhar-lhe uma partida. Para o doutor Juvenal Urbino foi um encontro milagroso, numa época em que, para ele, o xadrez se tinha tornado uma paixão incontrolável e em que já não restavam muitos adversários para saciá-la.

Graças a ele, Jeremiah de Saint-Amour pôde ser quem foi entre nós. O doutor Urbino converteu-se em seu protetor incondicional, no seu fiador para tudo, sem se dar sequer ao trabalho de averiguar quem ele era ou o que fazia, ou de que guerras sem glória vinha ele naquele estado de invalidez e desconcerto. Por fim, emprestou-lhe dinheiro para instalar o seu estúdio de fotógrafo, que Jeremiah de Saint-Amour lhe pagou com rigores de pobre soberbo até ao último tostão, a partir do momento em que fotografou a primeira criança assustada pelo relâmpago do magnésio.

Tudo por causa do xadrez. A princípio jogavam às sete da noite, depois do jantar, com alguma vantagem para o médico devido à notável superioridade do adversário, mas cada vez com menos vantagem até que ficaram ela por ela. Mais tarde, quando Dom Galileo Daconte abriu o primeiro salão de cinema, Jeremiah de Saint-Amour foi um dos seus clientes mais assíduos, e as partidas de xadrez ficaram reduzidas às noites em que não se estreava nenhuma fita. Já nesse tempo se tinha tornado tão amigo do médico, que este o acompanhava ao cinema, mas sempre sem a mu-

lher, por um lado porque ela não tinha paciência para seguir o desenrolar dos argumentos difíceis; e por outro porque sempre lhe pareceu, por mera intuição, que Jeremiah de Saint-Amour não era uma boa companhia para ninguém.

O seu dia diferente era o domingo. Assistia à missa solene na catedral e voltava logo para casa, onde ficava a descansar e a ler na varanda do quintal. Poucas vezes saía para visitar um doente num dia santo, a não ser que fosse da maior urgência, e há muito que não assumia nenhum compromisso social que não fosse obrigatório. Naquele Dia de Pentecostes, por uma coincidência excepcional, tinham ocorrido dois acontecimentos invulgares: a morte de um amigo; e as bodas de prata de um discípulo eminente. Não obstante, em vez de regressar a casa sem mais delongas, como se propusera depois de confirmar a morte de Jeremiah de Saint-Amour, deixou-se arrastar pela curiosidade.

Assim que subiu na carruagem reviu rapidamente a carta póstuma e ordenou ao cocheiro que o levasse a uma morada difícil no antigo bairro dos escravos. Aquela decisão era tão estranha aos seus hábitos, que o cocheiro quis certificar-se de que não havia nenhum engano. Não havia: a morada era clara, e quem a escrevera tinha motivos de sobra para a conhecer muito bem. O doutor Urbino voltou então à primeira folha e mergulhou novamente naquele manancial de revelações indesejáveis que teriam podido modificar-lhe a vida, mesmo na sua idade, se tivesse conseguido convencer-se a si mesmo de que não eram os delírios de um desesperado.

O humor do céu tinha começado a descompor-se desde muito cedo e estava enevoado e fresco, mas não havia risco de chuva antes do meio-dia. Na tentativa de encontrar um caminho mais curto, o cocheiro meteu-se pelas vielas empedradas da cidade colonial, tendo que parar várias vezes para que o cavalo não se espantasse com a desordem dos colégios e das congregações religiosas que regressavam da liturgia de Pentecostes. Havia grinaldas de papel nas ruas,

música e flores, raparigas com sombrinhas coloridas e fôlhos de musselina, que assistiam das varandas ao passar da festa. Na Praça da Catedral, onde só se distinguia a estátua do Libertador entre as palmeiras africanas e os novos candeeiros de globos, havia um engarrafamento de automóveis provocado pela saída da missa e não havia nenhum lugar disponível no venerável e ruidoso Café da Paróquia. O único carro puxado a cavalos era o do doutor Urbino, que se distinguia dos poucos que ainda havia na cidade porque sempre manteve o brilho da capota de charão e por ter ferragens de bronze para que o salitre não as carcomesse, além das rodas e os varais pintados de vermelho com frisos dourados, como nas noites de gala da Ópera de Viena. Além de que, enquanto as famílias mais afetadas se satisfaziam com cocheiros que usassem uma camisa limpa, ele continuara a exigir ao seu a libré de veludo soturno e a cartola de domador de circo, que além de serem anacrónicas eram tidas como uma falta de misericórdia na canícula das Caraíbas.

Apesar do seu amor quase maníaco pela cidade, e de a conhecer melhor que ninguém, o doutor Juvenal Urbino tivera muito poucas vezes um motivo como o de aquele domingo para se aventurar sem reticências na mixórdia do antigo bairro dos escravos. O cocheiro teve de dar muitas voltas e perguntar várias vezes para encontrar a morada. O doutor Urbino reconheceu depressa o ambiente pesado dos pântanos, o seu silêncio fatídico, aqueles ares estrangulados que em tantas madrugadas de insónia subiam até ao seu quarto, misturados com a fragrância dos jasmins do quintal, e que ele sentia passar como um vento de ontem que não tinha nada que ver com a sua vida. Mas aquela pestilência, tantas vezes idealizada pela nostalgia, transformou-se numa realidade insuportável quando a carruagem começou a dar saltos pelo lodaçal das ruas, onde os galináceos disputavam os restos do matadouro que iam sendo arrastados pelo mar em retirada. Ao contrário da cidade vice-real, cujas casas eram de alvenaria, ali eram feitas de madeiras descoradas e telhados de zinco, assentando a sua

maioria sobre estacas para que não entrassem os dejetos dos esgotos a céu aberto herdados dos espanhóis. Tudo tinha um aspetto miserável e abandonado, mas das tabernas sórdidas saía o trovão da música de pândega sem Deus nem lei do Pentecostes dos pobres. Quando por fim encontraram a morada, o carro ia seguido por enxames de garotos nus que troçavam dos apetrechos teatrais do cocheiro, e este tinha de os enxotar com o chicote. O doutor Urbino, preparado para uma visita confidencial, comprehendeu demasiado tarde que não havia candura mais perigosa que a da sua idade.

O exterior da casa, sem número, não tinha nada que a distinguisse das menos felizes, a não ser a janela com cortinas de renda e um portão retirado de alguma antiga igreja. O cocheiro fez soar a aldraba, e só quando se certificou de que era a morada correta ajudou o médico a descer da carruagem. O portão tinha-se aberto sem ruído e na penumbra interior estava uma mulher madura, completamente vestida de preto e com uma rosa vermelha na orelha. Apesar dos anos, que não eram menos de quarenta, continuava a ser uma mulata altiva, de olhos dourados e cruéis, e o cabelo ajustado à forma do crânio como um capacete de palha-d'aço. O doutor Urbino não a reconheceu, ainda que a tivesse visto diversas vezes através da neblina das partidas de xadrez no estúdio do fotógrafo e numa ou noutra ocasião em que lhe receitara uns pacotinhos de quinino para as febres terçãs. Estendeu-lhe a mão e ela tomou-lha entre as suas, menos para o cumprimentar do que para o ajudar a entrar. A sala tinha o clima e o murmúrio invisível de uma floresta. Estava atulhada de móveis e de objetos delicados, cada um no seu sítio próprio. O doutor Urbino recordou sem amargura a loja de um antiquário de Paris, certa segunda-feira de outono do século passado, no número 26 da Rua de Montmartre. A mulher sentou-se à frente dele e falou-lhe num castelhano difícil.

— Estou às suas ordens, doutor — disse. — Não o esperava tão cedo.

O doutor Urbino sentiu-se traído. Observou-a com o coração, notou o seu luto intenso, a dignidade da sua angústia, e compreendeu então que aquela era uma visita inútil porque ela sabia melhor do que ele tudo quanto dizia e justificava a carta póstuma de Jeremiah de Saint-Amour. Assim era. Ela acompanhara-o até muito poucas horas antes da morte, como o acompanhara durante quase vinte anos, com uma devoção e uma ternura submissas que se pareciam por de mais com o amor, e sem que ninguém o soubesse nesta sonolenta capital de província, onde até os segredos de Estado eram do domínio público. Tinham-se conhecido numa hospedaria de viajantes em Port-au-Prince, onde ela nasdera e onde ele tinha passado os seus primeiros tempos de fugitivo, seguindo-o até aqui passado um ano para uma breve visita, ainda que ambos soubessem, sem o terem combinado, que vinha para ficar para sempre. Uma vez por semana era ela quem mantinha a limpeza e a ordem no laboratório, mas nem os vizinhos mais mal intencionados confundiram as aparências com a verdade, porque supunham, como toda a gente, que a invalidez de Jeremiah de Saint-Amour não era só para andar. O próprio doutor Urbino o supunha por razões médicas fundamentadas, e nunca teria acreditado que tivesse uma mulher se ele próprio não lho tivesse revelado na carta. De todas as maneiras, era-lhe difícil compreender que dois adultos livres e sem passado, à margem dos preconceitos de uma sociedade fechada em si mesma, tivessem elegido o risco dos amores proibidos. Ela explicou-lho: «Era assim que ele queria.» Além do mais, a clandestinidade partilhada com um homem que nunca foi totalmente seu e na qual conheceram, por mais de uma vez, a explosão instantânea da felicidade, não lhe pareceu uma condição indesejável. Pelo contrário: a vida tinha-lhe demonstrado que talvez fosse exemplar.

Na noite anterior tinham ido ao cinema, cada um por sua conta e em lugares separados, como costumavam fazer pelo menos duas vezes por mês desde que o imigrante italiano Dom Galileo Daconte instalou um salão a céu aberto

nas ruínas de um convento do século XVII. Viram um filme baseado num livro que estivera em moda no ano anterior, e que o doutor Urbino tinha lido com o coração desolado pela barbárie da guerra: *A Oeste Nada de Novo*¹. Logo a seguir encontraram-se no laboratório e ela achou-o distraído, nostálgico, e pensou que era por causa das cenas brutais dos feridos moribundos na lama. Tentando distraí-lo, convidara-o a jogar xadrez, ao que ele acedera para lhe agradar, mas jogava desconcentrado, com as brancas, claro, até descobrir antes dela que ia ser derrotado em quatro jogadas, rendendo-se sem honra. O médico compreendeu então que o adversário da última partida tinha sido ela e não o general Jerônimo Argote como supusera. Murmou assombrado:

– Era uma partida de mestre!

Ela insistiu que o mérito não lhe pertencia, pois Jeremiah de Saint-Amour, já perdido entre as brumas da morte, movia as peças sem amor. Quando interrompeu a partida, por volta das onze e um quarto, pois já tinha acabado a música dos bailes públicos, pediu-lhe que o deixasse sozinho. Queria escrever uma carta ao doutor Juvenal Urbino, a quem considerava o homem mais respeitável que jamais conhecera, além de um amigo do peito, como gostava de dizer, apesar de terem por única afinidade o vício do xadrez, compreendido como um diálogo da razão e não como uma ciência. Foi então que ela soubera que Jeremiah de Saint-Amour chegara ao termo da agonia e que não lhe restava mais tempo de vida do que o necessário para escrever a carta. O médico não podia acreditar naquilo.

– Então, você sabia! – exclamou.

– Não só sabia – confirmou ela –, como o ajudei a suportar a agonia com o mesmo amor com que o tinha ajudado a descobrir a felicidade. Porque assim haviam sido os seus últimos onze meses: uma cruel agonia.

¹ Filme americano realizado em 1930 por Lewis Milestone e baseado na obra homónima do romancista alemão Erich Maria Remarque (1898-1970). (*N. do E.*)

– O seu dever era revelá-lo – disse o médico.

– Não podia fazer-lhe isso – respondeu ela, escandalizada. – Amava-o de mais.

O doutor Urbino, que julgara já ter ouvido de tudo, nunca ouvira nada igual, e dito de uma maneira tão simples. Olhou-a de frente, com os cinco sentidos, para a fixar na sua memória como era naquele momento: parecia um ídolo dos rios, impávida no seu vestido negro, com os olhos de serpente e a rosa na orelha. Muito tempo antes, numa praia solitária do Haiti onde jaziam os dois, nus depois do amor, Jeremiah de Saint-Amour dissera, num suspiro repentino: «Nunca hei de ser velho.» Ela interpretou-o como um propósito heroico de luta contra os estragos do tempo, mas ele foi mais explícito: tinha a determinação irrevogável de acabar com a vida aos sessenta anos.

Cumprira-os, com efeito, no dia 23 de janeiro desse ano, e tinha então fixado como último prazo a véspera de Pentecostes, que era a festa principal da cidade consagrada ao culto do Espírito Santo. Não houvera nenhum pormenor da noite anterior que ela não tivesse conhecido antecipadamente e falavam sobre isso com frequência, sofrendo juntos a torrente imparável dos dias que já nem ele nem ela podiam deter. Jeremiah de Saint-Amour amava a vida com uma paixão sem sentido, amava o mar e o amor, amava o seu cão e ela, e, à medida que a data se aproximava, ia sucumbindo ao desespero, como se a sua morte não fosse uma decisão sua mas um destino inexorável.

– Ontem à noite, quando o deixei sozinho, já não era deste mundo – disse ela.

Tinha querido trazer o cão consigo, mas viu-o a dormitar junto às muletas e acariciou-o com a ponta dos dedos. Disse: «Sinto muito, mas *Mister Woodrow Wilson* vai-se embora comigo.» Pedira-lhe que o prendesse aos pés do catre enquanto escrevia, e ela atara-o com um nó falso para que pudesse soltar-se. Fora esse o seu único ato de deslealdade, e estava justificado pelo desejo de continuar a recordar o dono nos olhos invernais do seu cão. Mas o doutor